

Figueira da Foz

REGIÃO DAS BEIRAS



Banda dos Pés Trocados é o nome da exposição que pode ser visitada no Casino até dia 29

Na Banda dos Pés Trocados só o Zé Povinho está certo

Arte Numa altura em que tanto se fala de caricaturas e cartoons, o Casino Figueira expõe a arte de Joaquim Cachulo

Andreia Gouveia

«É uma sátira política» a que saiu das mãos do artista plástico figueirense Joaquim Cachulo para, a partir de hoje e até dia 29, animar o hall do Casino Figueira. Numa mostra de diversos trabalhos, o destaque vai para a “Banda dos Pés Trocados”, que dá nome à exposição. «Os nossos políticos não se têm portado muito bem, e esta foi a forma que encontrei

de lhes chamar mentirosos, por dizerem uma coisa e fazerem outra», explica Joaquim Cachulo que, aos 70 anos, continua atento ao mundo que o rodeia. Reformado de 35 anos de trabalho na Sociedade Figueira Praia, detentora do Casino Figueira, é ali que agora regressa, na qualidade de artista convidado. «É um trabalho de inegável e elevado nível artístico, conceitual, material, formal e de significado», justi-

Nesta exposição pode ver, para além de políticos nacionais na Banda dos Pés Trocados, bustos de autarcas e personalidades locais

fica o administrador do Casino, Domingos Silva. Joaquim Cachulo não cai no auto-elogio, mas admite que há, em cada peça, muito trabalho, primeiro a pensar, depois a concretizar. Antigo cartoonista do extinto semanário Linha do Oeste, garante que nunca teve problemas com as pessoas visadas nos seus trabalhos. «Já o jornal...», comenta, sem concluir. «O objectivo das caricaturas e dos cartoons é fazer rir ou sorrir, claro, mas também fazer pensar» sublinha. Nesta “Banda dos Pés Trocados”, composta por 13 elementos, Paulo Portas toca gaita-de-foles, «porque está sempre inchado», a Mário Soares coube o imponente saxofone, Jerónimo de Sousa toca caixa «para marcar o ritmo» e Manuela Ferreira Leite o violino «de música fininha», que não suspende a democracia, mas parece fazer parar o tempo. Passos Coelho é, como seria de esperar, «o maestro da banda». A assistir, «espantado», está um Zé Povinho «que não tem nada, nem instrumento», porque, a ter, «só se fosse chinês», ironiza.

Na exposição, porém, há espaço para outras obras de Joaquim Cachulo. «Vão poder ver uma peça relativa à Figueira da Foz e ainda a Rosa Amélia e duas figuras típicas», revela. «Conheci muito bem o Paulino e o Visconde, viviam de expedientes como arrendar casa no Verão, no tempo em que a Figueira era muito procurada, e eram homens com piada na ponta da língua», recorda. Há ainda 13 pequenos bustos, de políticos e de algumas personalidades locais, para ver até dia 29, com entrada livre.